

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

OTÁVIO ZANETTI MARTINS

**O esporte como instrumento de política internacional nas Relações Internacionais:
o futebol globalizado**

São Paulo, SP

2022

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende analisar o papel do esporte nas Relações Internacionais e como este deve ser considerado um instrumento de política internacional utilizado pelos Estados. A pesquisa busca indicar que o esporte deve ser compreendido como um fenômeno para além de uma ferramenta de entretenimento, que também é utilizado para difundir ideias, consolidar regimes e formular políticas no meio internacional, enquanto caracterizado como um dos principais mecanismos de influência diplomática. O futebol como um dos esportes mais populares ao redor do mundo, representado em forma de um fenômeno cultural, político e econômico, é o objeto de foco dessa pesquisa, com destaque para a análise das conjunturas e relações que este proporciona no mundo globalizado.

Palavras-chave: esporte; política; internacional; *soft power*; futebol; relações; internacionais

ABSTRACT

This paper analyzes the role of sports in International Relations and how it should be considered as an instrument of international policy used by states. The research project seeks to indicate that sports must be understood as a phenomenon that goes beyond being used just as an entertainment tool, but is also used to share ideas, consolidate regimes, and formulate policies in the international system, while characterized as one of the main mechanisms of diplomatic influence. Football as one of the most popular sports in the world, represented in the shape of a cultural, political, and economic phenomenon, is the central point of this project, with emphasis on the conjectures and relations it provides in a globalized world.

Keywords: sports; international politics; soft power; football; international relations

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| PARTE I – Introdução | 1 |
| PARTE II - O <i>soft power</i> no meio esportivo | 4 |
| PARTE III - A diplomacia do futebol | 9 |
| PARTE IV - Os negócios internacionais do futebol e a Copa do Mundo do Catar | 14 |
| PARTE V – Conclusão | 19 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 22 |
| APÊNDICE | 26 |

PARTE I

Introdução

Em um passado recente acreditava-se que a única correlação entre o esporte e as Relações Internacionais era apenas a presença inerente de um componente internacional nas duas esferas. A ideia de que o esporte é pertencente a um espaço periférico nas Relações Internacionais perdurou por muito tempo. Sem a atenção necessária ao esporte no cenário internacional, a grande maioria dos internacionalistas demonstravam pouca intenção em ponderar sobre seu papel nas relações humanas globais (TAYLOR, 1986).

Hoje em dia, no mundo moderno, essa relação já é reconhecida por muitos. É fato que eventos esportivos frequentemente catalisam eventos políticos. Entretanto, esse contexto não foi sempre assim. Apesar das origens do esporte remeterem à Grécia Antiga, o conceito do esporte como um fenômeno político e social é relativamente novo. Pelo fato de ter um caráter amador no início e não ser muito popular, sua relevância para os estudos de Relações Internacionais era quase inexistente (KOBIERECKI, 2013). Foi na segunda metade do século XIX e no início do XX que esse cenário passou a ser radicalmente remodelado, devido ao início dos Jogos Olímpicos e a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), arquitetado pelo historiador francês, Pierre de Coubertin. Essas instituições colocaram o esporte em outro patamar em questão de popularidade mundial, tornando-o de interesse direto do Estado por ser um fenômeno socioeconômico que afeta uma parcela considerável da população (CHAPPELET, BAYLE 2005). Logo, a influência mútua entre o esporte e as Relações Internacionais é oficialmente iniciada, permitindo a utilização do esporte por parte de grandes tomadores de decisão a seu favor e vice-versa.

Com isso, o “mito da autonomia” – que sugere a pouca influência do esporte em outras atividades humanas - havia sido quase extinto, e a relação entre o esporte e as Relações Internacionais, sempre muito questionada, passou a ser explorada por estudiosos do campo. A internacionalização do esporte ocorreu de fato após a Primeira Guerra Mundial, com a consolidação da mídia e da comunicação em massa, responsável por transformar a prática esportiva em um verdadeiro espetáculo (SUPPO, 2012). Esse foi um dos fatores primordiais para a mudança da forma com que os Estados interpretavam

o esporte, passando a enxergá-lo como uma ferramenta indispensável para a política externa.

Junto a seu caráter mercadológico, o esporte passou a ser empregado com fins de manipulação, devido ao interesse econômico e político que este gerava (MILZA, 1984). O esporte pode ser considerado um fenômeno de público e ideologia universal, indicador do grau de potência (ou de declínio) de um Estado, revelador do sentimento popular, e instrumento diplomático. Em um artigo da revista *Relations Internationales*, Pierre Milza (1984), indica as três dimensões essenciais do esporte na política internacional. De acordo com o historiador francês, o esporte é um componente e reflexo da vida internacional, e possui papel relevante em três aspectos fundamentais da política externa: (i) como instrumento de preparação para a guerra; (ii) como parte da construção de imagens e prestígio que podem ser instrumentalizadas pela propaganda nacionalista; (iii) como meio de aproximação entre os países (MILZA, 1984).

Atualmente, inúmeros Estados têm utilizado o esporte de duas maneiras principais: a fim de vender e realçar suas imagens, e para condenar medidas e condutas internacionais que não aprovam ou concordam. Outra perspectiva do esporte que parte de muitos governos, é utilizá-lo simplesmente para simbolizar sua aceitação na comunidade internacional. Países com menor reconhecimento internacional historicamente possuem maior dificuldade de competir no esporte e consideram a participação esportiva como uma chance de conquistar essa aceitação de outras nações. Sedar, vencer ou apenas mesmo participar de um evento esportivo de grande porte, como a Copa do Mundo FIFA e as Olimpíadas, para muitos países é sinônimo de prestígio internacional.

O esporte moderno se torna cada vez mais internacional e sempre carregou uma faceta global desde o início das práticas esportivas. Duas de suas mais importantes organizações esportivas - o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) - são essencialmente instituições internacionais autônomas que regulam o mundo desportivo moderno e fazem com que o esporte esteja diretamente atrelado ao desenvolvimento de mercados globais, funcionando como um componente essencial da construção das imagens de prestígio de nações e Estados (ALLISON; MONNINGTON, 2002).

Em meio à era da globalização, o esporte tem se tornado gradativamente um elemento fundamental de política externa com respeito às relações do cenário internacional. O poder político e econômico está mais presente do que nunca no esporte contemporâneo, mesmo que muitas vezes se encontre coberto ou “escondido”. O futebol

é o principal esporte que proporciona uma plataforma para que esses poderes entrem em campo, sendo utilizado como um teatro público que expressa claramente como essas forças atuam entre si (GOLDBLATT, 2019). Primeiro entre os próprios esportes, e entre as formas culturais mais populares do mundo, o jogo é capaz de comandar a lealdade, interesse e engajamento de mais pessoas em mais lugares do mundo do que qualquer outro esporte. O espaço ocupado pelo futebol na cultura global se tornou quase imensurável na atualidade. O futebol moderno tem sua essência pautada na atração gerada às corporações internacionais, que o utilizam como veículo de circulação de suas marcas e imagens, sendo objeto de desejo de grandes redes globais de televisão e internet.

Com a ajuda da mídia social e *mainstream*, o futebol supera outros esportes e espetáculos, uma vez que é capaz de agregar olhos e mentes em atos de imaginação coletiva como nenhum outro esporte do gênero, além de ser elemento formador de nossas identidades, amizades e adversidades. Ademais, o futebol é uma ferramenta política de controle e manipulação popular que é livremente aceita pelo público, sendo caracterizado como o esporte das massas. Em síntese, diferentemente de outros esportes, o futebol possui uma capacidade única de capturar a imaginação popular, inspirar forte crença em uma causa, promover um sentimento de pertencimento em comunidade, e conceder aos países o direito de transmitir mensagens que vão além de suas fronteiras geográficas (DICHTER, 2020). O futebol é o fenômeno cultural mais popular e global do século XXI (GOLDBLATT, 2019).

O presente trabalho pretende explorar os meios de comportamento do esporte mais popular do mundo frente ao campo das Relações Internacionais, através de três métodos diferentes, sendo eles, por meio do *soft power* das nações, pela diplomacia do futebol e, por fim, dos negócios internacionais. A análise do futebol globalizado por meio de três lentes distintas entre si, parte da ideia de demonstrar como a relação entre o esporte e as Relações Internacionais é polivalente e assume traços singulares em cenários específicos. A fim de constatar e complementar a tese central argumentada no projeto de pesquisa, foi realizada uma entrevista com a Dra. Heather Dichter, professora de *Sports Management* e especialista em história do esporte. A transcrição completa da entrevista se encontra no apêndice do documento. Com isso em mente, o trabalho de conclusão de curso busca demonstrar a importância da instrumentalização do esporte para manuseio político no Sistema Internacional como ferramenta de política externa.

PARTE II

O *soft power* no meio esportivo

A fim de compreender o manuseio do esporte como instrumento de *soft power* nas Relações Internacionais, é necessário esclarecer o significado deste termo desenvolvido nos anos 1980 pelo cientista político norte-americano, Joseph Nye. Não há consenso sobre o conceito de poder nas Relações Internacionais, mas a definição mais aceita é de que o poder é a habilidade de obter os resultados desejados e de influenciar os outros para obtê-los, considerando três meios distintos de seu exercício: indução, coação e cooptação (NYE, 2004).

O *soft power* (poder de cooptar) é conceituado como a habilidade de moldar as preferências de outros, ou seja, é um poder atrativo e persuasivo. Seus recursos são os meios que produzem essa influência de atração. Já o *hard power* (poder de induzir e coagir), carrega a habilidade coercitiva do Estado, originada da aplicação da força militar e da pressão econômica - enquanto o *soft power* é guiado pela atratividade de valores, sejam eles culturais, ideológicos, políticos ou institucionais. Nye (2004) ressalta que o *soft power* não é baseado apenas em influência - posto que o *hard power* possui a mesma capacidade - mas é também constituído da atração. O poder de atrair o outro - considerado um componente essencial de governança - é utilizado como uma ferramenta de expressão e prestígio a fim de possibilitar a expansão da capacidade de influência do Estado no cenário internacional (NYE, 2004). Nas palavras do autor:

O *soft power* não é meramente o mesmo que influência. Afinal, a influência também pode se basear nas ameaças ou pagamentos do *hard-power*. E *soft power* é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de mover as pessoas por argumento, embora essa seja uma parte importante deste. É também a capacidade de atrair, e a atração muitas vezes leva à aquiescência. Simplesmente colocado, em termos comportamentais, o *soft power* é um poder atrativo. Em termos de recursos, os recursos de *soft power* são os ativos que produzem tal atração (NYE, 2004).

Para alguns países, um dos veículos mais importantes de *soft power* é o esporte. Historicamente, o esporte sempre funcionou como um elemento de propagação de ideias, emulação de conflitos, organização política e até mesmo como um recurso de construção

de uma boa reputação internacional. De acordo com Nye (2012), o Brasil, por exemplo, possui dois elementos essenciais de *soft power* no plano internacional: a cultura popular do carnaval e o futebol (NYE, 2012).

Apesar do esporte ocupar um plano marginalizado na área acadêmica das Relações Internacionais, através do *soft power*, muitos países utilizam o esporte para realçar suas imagens e se “venderem” internacionalmente (ALLISON; MONNINGTON, 2002). Os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, durante a ditadura de Adolf Hitler, são um dos exemplos primordiais de como um governo utilizou o esporte como ferramenta de política externa para alcançar seus respectivos interesses nacionais. A ideia geral circulada por trás da competição era de demonstrar e provar para o restante do mundo que o governo nazista foi o principal responsável pela reestruturação do país após a Primeira Guerra Mundial. O governo alemão providenciou um grande investimento para a competição, contando com a construção de arenas grandiosas, e a produção do primeiro documentário esportivo da história, utilizado como veículo midiático de propaganda nazista ao redor do mundo. Outro exemplo foi o boicote dos Estados Unidos nas Olimpíadas de Moscou (1980) e da URSS nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), respectivamente, que estavam repletos de simbolismo remetente ao conflito da Guerra Fria, considerando que o esporte foi justamente um dos fatores de competição entre os países. Os Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim também funcionaram como um importante veículo de *soft power* da República Popular da China, país que passou a ser mais valorizado e viu seu prestígio internacional ser ressaltado. As Copas do Mundo de 1978 na Argentina e de 2014 no Brasil são outros episódios em que o esporte foi palco de importantes discussões políticas, protestos e movimentos sociais.

São exemplos como estes que demonstram na prática a relação que estabelece os parâmetros esportivos como meios de poder, podendo considerar que o esporte, elemento essencial do processo de globalização da cultura, e o *soft power*, caminham juntos (PIZARRO, 2017). Nesse contexto, o futebol, esporte mais popular do mundo, se apresenta como uma das práticas esportivas que mais se relacionam com o campo político e social, e que melhor reflete a interação de diferentes atores internacionais na representação do esporte como um ato político. Como notado anteriormente, o futebol está enraizado na cultura de grande parte da população mundial e mobiliza pessoas de diferentes etnias, classes e religiões, sendo caracterizado como um esporte universal. Assim como o restante da sociedade, o “esporte do povo” também foi afetado pelo processo de globalização.

A institucionalização do futebol é marcada pela criação da FIFA em 1914, organização detentora da hegemonia do controle do futebol. A organização foi uma das 14 federações internacionais fundadas antes da Primeira Guerra Mundial, e hoje possui mais de 200 Estados membros, número maior do que a Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo. A FIFA pode ser considerada tanto uma organização não governamental sem fins lucrativos, quanto uma corporação global com receitas bilionárias e influência política mundial. Mas ao contrário de uma empresa multinacional, que responde diretamente a seus *shareholders*, os responsáveis pela administração da FIFA são as federações membros, representadas por oficiais, em sua maioria, presidentes e delegados, que atuam voluntariamente ao redor do mundo (SCHENK, 2011). Por meio do modelo de federações, os Estados são os órgãos legitimadores das ações da FIFA. Para um país, é interessante ter seu nome associado a uma renomada organização esportiva como a FIFA, ainda mais se houver a possibilidade de sediar um grande evento como a Copa do Mundo de futebol, que carrega uma enorme bagagem de visibilidade econômica, política e social (PIZARRO, 2017).

Uma estratégia utilizada por muitos países recém independentes e emergentes, em busca da legitimação no Sistema Internacional, é justamente fazer parte de organizações como a FIFA. Mesmo que o custo de sediar uma Copa do Mundo seja extremamente alto, devido a questões como construção de estádios, mão de obra e infraestrutura urbana, muitos países sonham em ser palco do maior evento esportivo do mundo e demais competições FIFA. Isso ocorre grande parte dos governos atuais enxergam os megaeventos como uma oportunidade de consolidação no cenário internacional e de expansão de influência global, ou seja, como uma estratégia de *soft power*.

A FIFA utiliza seu *soft power* por meio da relação de diversos atores transnacionais, conquistando a confiança de seus parceiros e afiliados, e se estabelecendo no topo da governança futebolística. Além disso, a instituição instrumentaliza o futebol organizado como indústria, e o prestígio e alcance que este carrega, como forma de exercer seu *soft power* em âmbito internacional. A parceria entre a FIFA e a ONU - e outras ONGs como a *Street Football World* - é um exemplo de como esse processo ocorre. Através de campanhas globais, como o “*Say no To Racism*”, “*Football for Hope*,” “*Reach Out*”, “*Handshake for Peace*”, a FIFA é capaz de consolidar sua atuação no cenário internacional por recurso do *soft power*, junto a demais ações.

As federações internacionais, consideradas “braços” da FIFA, também desempenham uma função de *soft power* fundamental no universo esportivo. O futebol

talvez seja o único esporte cujas organizações regionais possuem um papel independente e merecedor de atenção simultânea como parte da FIFA e por direito próprio (DICHTER, 2020). A grande maioria dos esportes olímpicos são dependentes diretos das receitas de televisão e mídia, assim como da renda de patrocínios do COI. Nesse sentido, o futebol é exceção. Com sua diversidade de órgãos internacionais e competições, o esporte consegue gerar um lucro muito maior e possui uma cobertura de mídia universal junto à parceria de patrocinadores significativos (DICHTER, 2020). As federações são atores essenciais para isso, como é o caso da *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football* (CONCACAF), que vem se destacando com ações recentes na comunidade internacional, principalmente no futebol feminino e júnior, e da *Union of European Football Associations* (UEFA), organizadora do maior torneio de clubes do mundo - UEFA Champions League – e da Eurocopa. A última mantém relações muito próximas com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) desde os anos 1960, ocupando um espaço de destaque na comunidade europeia.

Em países subdesenvolvidos econômica e militarmente, o uso do *soft power* através do esporte funciona como uma ferramenta não apenas para atrair atenção global e criar imagens positivas do país, mas também para influenciar ou afetar diretamente muitos países considerados grandes potências no sistema global. Nesse sentido, o *soft power* do futebol pode ser interpretado como um elemento estimulante da competição. Exemplo disso foi a Copa do Mundo Sub-17 de 2001, sediada em Trinidad e Tobago, país da região da CONCACAF, que venceu a disputa contra a Inglaterra para receber o evento. Apesar de ser considerado um torneio esportivo de pequeno porte, para países emergentes, sediar uma competição como o mundial júnior, representa a superação de grandes potências do futebol. Ademais, torneios como esse muitas vezes funcionam como “testes” para comprovar se o país é capaz ou não de abrigar uma competição internacional, além de atuarem como pontapé inicial para muitos países no segmento de torneios esportivos.

Voltando à Copa do Mundo, um dos melhores exemplos que ilustram claramente o país utilizando o evento a fim de realçar sua reputação internacional, é a Copa de 2014. O Brasil foi sede do maior torneio esportivo mundial durante o conturbado período de eleições presidenciais e manifestações populares, marcado pela profunda desigualdade social que tomava conta do país e que ainda persiste 8 anos depois. 2014 foi uma oportunidade de ouro para o Brasil consolidar sua posição como o “país do futebol”, em todos os sentidos. Ao contrário de alguns de seus companheiros de BRICS (Brasil, Rússia,

Índia, China e África do Sul), o Brasil é muito mais dependente de seu *soft power* do que seu *hard power*, e busca a todo custo utilizá-lo sempre a seu favor (CHARI, 2015). À parte da recente volta do país ao Mapa da Fome da ONU e do atual governo descomprometido com o desenvolvimento do país latino-americano, o Brasil ainda é muito reconhecido mundialmente por ser uma potência do futebol, pentacampeão mundial e revelador de verdadeiras lendas do esporte, como Pelé, Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, entre outros. Logo, sediar uma Copa do Mundo FIFA no país do futebol parece ser a escolha perfeita.

Essa perspectiva parte da ideia de que o esporte é ferramenta de promoção cultural pública, em que esportes como o futebol são responsáveis por criar um contexto ideal para a construção de uma identidade nacional (REAL, 2013). Nesse sentido, megaeventos esportivos, apesar de possuírem um caráter comercial e capitalista, no âmbito cultural, são interpretados como instrumentos de formação identitária local. Chari (2015) argumenta que os megaeventos esportivos são mercadorias culturais constituídas de poder simbólico e capazes de transformar a imagem de uma nação no exterior (CHARI, 2015).

Muitas nações, incluindo o Brasil, estão aproveitando o futebol como um recurso de *soft power* na busca de consolidar sua reputação global e cumprir seus objetivos políticos, sendo o Catar um desses outros países, que investe agressivamente no futebol em busca de aprimorar seu *status quo* como um ator global importante, encaminhando uma série de investimentos para sediar a Copa do Mundo FIFA de 2022. Sob a presidência de Dilma Rousseff, no Brasil, foi enfatizada a necessidade de investir na cultura como forma de complementar a diplomacia convencional, comprovando mais uma vez que o futebol pode ser um recurso de poder brando para um Estado atingir seus objetivos de política externa (CHARI, 2015).

A questão econômica também é fundamental para os países e instituições utilizarem o *soft power* da maneira mais eficaz possível por meio do esporte. Isso é visível principalmente em países emergentes, onde sistemas políticos instáveis são superados por interesses de grupos hegemônicos, alianças políticas e pactos comerciais que se sobrepõem ao interesse da população e do próprio governo (DICHTER, 2020). A articulação entre atores públicos e privados promove, assim, a transferência de recursos públicos para os privados, gerando lucros diretos por meio da promoção de megaeventos esportivos. A Copa do Mundo de 2014 não foi apenas o evento com maiores investimentos públicos da história até então, mas também encheu os cofres da FIFA, com lucro de mais de US \$4 bilhões, em média 66% à mais do que o torneio na África do Sul

rendeu à federação internacional. A partir disso, é possível notar que o apoio público do governo ao desenvolvimento de estádios e demais projetos de infraestrutura, também abre as portas para a exploração do *soft power* por parte de investidores que se beneficiam de projetos pagos com renda pública através do crescimento de seus ativos. Dessa forma, o *soft power* obtido pode funcionar também como uma cortina de fumaça para esconder as verdadeiras intenções que estão em jogo (STEWART, 2014).

PARTE III

A diplomacia do futebol

Como notado anteriormente, é fato que a grande visibilidade dos megaeventos esportivos internacionais favoreceu a intervenção do Estado. Muitas nações sustentam a ideia de propaganda da relação entre seus respectivos sistemas político-econômicos e o triunfo esportivo. Nesse sentido, o esporte se tornou um instrumento de política internacional que representa as conquistas esportivas de um país, sejam elas de atletas individuais ou de equipes coletivas, como forma de promoção da suposta superioridade internacional aclamada por muitos governos. Outra questão fundamental é a consideração do papel diplomático exercido pelos próprios atletas, que podem ser interpretados como verdadeiros embaixadores vestidos em trajes esportivos (HARVEY, 2010).

O potencial de diplomacia e impacto de diferentes esportes podem variar. O futebol, devido a seu reconhecimento mundial e a grande cobertura midiática, é o esporte que mais carrega consigo um peso diplomático capaz de influenciar tantos atores. A narrativa envolvente e sem roteiro do futebol, junto à sua capacidade comunicativa capaz de gerar uma sensação de pertencimento e de inspirar a defesa de causas coletivas, faz com que os Estados busquem cada vez mais utilizá-lo como um veículo propagador de ideias que transcendem as barreiras étnicas, políticas e religiosas de seus povos (BECK, 2020).

Esse apelo que o futebol carrega, é responsável por impulsionar governos à utilização dessa amálgama de fatores que entram em campo a seu favor, principalmente na esfera política e diplomática. Com isso, o futebol protagoniza uma nova faceta para conflitos políticos, jogos de poder, atividades corruptas e negociações internacionais (JURICIC, 2013). A diplomacia do futebol, definida por Peter Beck (2020), tem sua legitimidade reconhecida como:

Um subconjunto da diplomacia do esporte, que demonstra como governos utilizam futebol com fins de diplomacia pública conduzida principalmente através de jogadores individuais, times, partidas, tours, torneios, e estruturas de governança. Como qualquer forma de diplomacia pública, a diplomacia do futebol é uma alta expressão diplomática cujo alcance e efetividade são, em muitos aspectos, funções de como e até que ponto atividades específicas são gravadas, descritas e reportadas pela mídia audiovisual, digital e impressa, e então acessadas pelo público-alvo (BECK, 2020).

Outra definição esquematizada por Bubalo (2013), articula como diplomacia do futebol, o uso do interesse em comum para criar *networks*, que podem ser utilizados para diferentes finalidades, incluindo a formação de contatos políticos e de negócios, promoção de produtos, turismo, educação, desenvolvimento, e é claro, diplomacia. (BUBALO, 2013). É possível constatar a presença da diplomacia do futebol mesmo em encontros simples, como por exemplo, em uma reunião durante uma partida de futebol entre empresários ou políticos, que compartilham a paixão pelo esporte, e que aproveitaram a ocasião para formar conexões entre si a fim de servir a seus respectivos interesses individuais, mas que podem se tornar mútuos. Eden (2013) aponta que a diplomacia do futebol é capaz de: (1) melhorar a imagem de um país, (2) criar amizades, (3) promover a paz entre países, (4) fomentar o comércio e turismo, (5) encorajar desenvolvimento internacional - e o mais importante - (6) aprimorar as relações internacionais (EDEN, 2013).

Como evidenciado, os diplomatas e os jogadores de futebol não são os únicos atores da diplomacia do futebol. Não é necessário, nem possível, que um órgão central planeje, financie e execute toda a gama de atividades da diplomacia do futebol (EDEN, 2013). Nesse cenário, faz sentido trazer uma colocação feita por Sarah Snyder (2020), na coletânea "*Soccer Diplomacy*", que questiona se os especialistas das relações internacionais interpretam os torcedores, jogadores e técnicos como atores diplomáticos legítimos e se é possível assumir o futebol como uma forma própria de diplomacia. A distinção da diplomacia do futebol (*soccer diplomacy*) e do futebol como diplomacia (*soccer-as-diplomacy*), feita por Peter Beck (2020) na mesma obra, pode ajudar a compreender a provocação de Snyder. A diplomacia do futebol se dedicaria a estudar os diferentes meios que os governos fazem uso do esporte, enquanto o futebol como

diplomacia pensaria os atores envolvidos na esfera esportiva – clubes, federações, torcedores, dirigentes, *shareholders* – na consolidação de uma diplomacia de força própria. “Enquanto a diplomacia do futebol é uma área relativamente bem conhecida” afirma Beck – “o futebol como diplomacia [...] é ainda um conceito emergente” (Beck, 2020). Entretanto, na prática, os dois conceitos se misturam. Um exemplo disso é o papel central da FIFA na governança internacional do futebol. Com a expansão da FIFA na década de 1920 para cerca de quarenta filiados e com representação política nos cinco continentes, torna-se notável como a origem de uma diplomacia do futebol é fenômeno indissociável da arquitetura do sistema FIFA e, portanto, do futebol como diplomacia (BURLAMAQUI, 2020).

O futebol ainda não foi capaz de parar completamente uma guerra, mas definitivamente tem contribuído para a melhoria da comunicação e negociação entre Estados, o que é a base das relações internacionais. Partidas de futebol podem até “quebrar o gelo” em casos que a diplomacia oficial não for eficiente (JURICIC, 2013). Quando o Brasil jogou um amistoso no Haiti, durante a guerra em 2004, muitos políticos tentaram negar o fato de que o jogo era parte da estratégia do governo brasileiro para ampliar suas chances de garantir um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Em troca da visita da seleção ao país caribenho, o Haiti concordou em apoiar o Brasil na proposta do Conselho. Muitos jornais da época, como o *The Economist*, apontavam o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, como o principal diplomata do futebol, que acompanhou a viagem para o Haiti junto ao time e marcou presença na partida, enquanto o Brasil via seu lugar no Conselho de Segurança da ONU ser assegurado.

A beleza da diplomacia do futebol está no seu caráter de transformar as relações internacionais entre os países, mesmo em casos de governos considerados historicamente hostis (HOUGH, 2008). A prática do “*sports exchange*”, uma espécie de intercâmbio esportivo, faz com que diversos atores, como técnicos, atletas e diplomatas, trabalhem juntos para facilitar o relacionamento entre os cidadãos de diferentes países (CHEHABI, 2001). Um dos casos que melhor exemplifica essa prática é a partida entre Estados Unidos e Irã, na Copa do Mundo de 1998 na França. Apesar de todas as tensões ideológicas e políticas presentes em campo, o esporte foi colocado em primeiro lugar como um ato de defesa contra todas as formas de ódio, representado com a troca de flores e fotos cerimoniais antes do apito inicial. O episódio ainda contou com um vídeo do então presidente norte-americano, Bill Clinton, que expressou sua esperança para que a partida

fosse compreendida como um passo inicial em direção ao fim da relação de animosidade entre os países, além de pedir à FIFA para que o dia 21 de junho fosse declarado como o dia internacional do *Fair Play*. A partida encorajou líderes das duas nações a se comunicarem melhor e foi capaz de transmitir a mensagem de que é possível lidar com o confronto iraniano-estadunidense de maneira pacífica, no espírito mútuo de respeito pelos dois países (JURICIC, 2013), além de quebrar estereótipos e resolver suas diferenças em campo, de modo seguro (GOLDBERG, 2000).

A partida entre Turquia e Armênia em 2008, válida pelas eliminatórias da Copa da África do Sul, também protagonizou um importante episódio em que a diplomacia do futebol foi essencial. Até então, os dois países não tinham qualquer relação diplomática, e por muito tempo mantiveram um histórico de conflitos, como o assassinato em massa de armênios na Turquia após as Primeira Guerra e o apoio do governo da Armênia no conflito de Nagorno-Karabakh no Azerbaijão. Mesmo com a fronteira entre os dois países permanecendo fechada por mais de 15 anos, o então presidente armênio, Serj Sargsyan, convidou o presidente turco, Abdullah Gül, para assistir à partida ao seu lado. O jogo protagonizou a primeira vez na era moderna em que um presidente turco visitou o país vizinho, contando com a presença de mais de 5 mil torcedores turcos que viajaram para acompanhar a seleção nacional. A partida gerou uma atmosfera estável entre os dois países, o que levou à assinatura dos Protocolos Turquia-Armênia, que previam a retomada e o desenvolvimento das relações diplomáticas entre as nações.

O processo de escolha da sede da Copa do Mundo de 2002 também gerou tensões entre os governos da Coreia do Sul e do Japão. A decisão da FIFA de conceder o direito de sediar o evento aos dois países foi uma surpresa, mas deve ser interpretada como uma consequência da disputa interna de poderes da instituição, e não como uma estratégia que já constava em seu plano inicial (JURICIC, 2013). Embora ambos os países esperassem sediar o campeonato de forma independente, uma vez que a decisão foi tomada e tiveram que assumir o compromisso, a situação se transformou em uma questão de proteção mútua, o que pode ter gerado um sentimento de competitividade, mas de maneira construtiva (EDEN, 2013). A colaboração pacífica e o aprimoramento das relações bilaterais foram as únicas maneiras de organizar com sucesso o evento, e gerenciar a burocracia legal, financeira e logística. Pesquisas de opinião realizadas em ambos os países, mostraram que cerca de 60% dos japoneses e 70% dos sul-coreanos sentiram que suas relações bilaterais tiveram melhora direta após a Copa do Mundo de 2002 (HORNE, MANZENREITER, 2002; EDEN, 2013).

Enquanto o futebol é capaz de emitir mensagens positivas contra o racismo, homofobia, desigualdade, inclusão social e *fair play*, em muitos casos, sua diplomacia também funciona como um veículo difusor de ódio e encorajador de rivalidade. Um dos exemplos mais famosos de tal circunstância é a chamada Guerra do Futebol entre El Salvador e Honduras em 1969. O futebol não está envolvido diretamente nas causas do conflito, que estão relacionadas a questões sobre a reforma agrária em Honduras e problemas de imigração devido ao grande número de salvadorenos vivendo ilegalmente em território hondurenho. No entanto, as tensões coincidiram com as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970 no México, caracterizadas por um alto nível de violência e diversos tumultos. A vitória de El Salvador na partida fez com que o governo salvadorenho rompesse todas as relações diplomáticas com Honduras, desenvolvendo um conflito entre as duas nações que teve início alguns dias depois do anúncio do rompimento diplomático entre os dois governos. Nesse caso, o futebol alimentou o ódio entre os povos de duas nações, e as partidas protagonizaram um palco de violência e ataque entre adversários políticos (JURICIC, 2013).

Os desdobramentos em torno da partida das eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010 entre Argélia e Egito protagonizaram mais um caso em que o futebol foi palco de uma relação de desconfiança mútua entre duas nações. Após os violentos incidentes na partida de volta no Egito, o então presidente argelino, Abdelaziz Bouteflika, ligou duas vezes para Hosni Mubarak, ex-presidente egípcio, para discutir a crise diplomática entre os governos. Como os países estavam empatados após duas partidas, foi disputada uma partida do *playoff* em território neutro no Sudão. Durante o jogo, os argelinos estavam atacando os torcedores egípcios, o que levou o Egito a acionar seu embaixador na Argélia. Nessa situação, alguns dos torcedores egípcios correram para a Embaixada da Argélia no Cairo após o jogo, vandalizando estabelecimentos comerciais e veículos de transporte, além de terem queimado bandeiras argelinas e ferido cerca de 35 policiais (EDEN, 2013). Este é mais um dos episódios que comprovam o caráter duplo do potencial diplomático do futebol.

Em suma, a diplomacia do futebol, por ser considerada de baixo custo e risco, mas de alto perfil (MURRAY, 2011), é um meio utilizado por diferentes atores internacionais com propósitos distintos e até opostos. O futebol e seus “*exchanges*” são elementos essenciais para a construção das relações internacionais de muitos países, além de ajudarem no processo de formação de narrativas entre nações, principalmente na era globalizada e no mundo dos negócios que toma conta do cenário futebolístico atual. A

Copa do Mundo do Catar de 2022 é um exemplo claro de como a diplomacia do futebol é primordial para um país sede de um megaevento esportivo e para suas instituições organizadoras. Sem a diplomacia do futebol, muito provavelmente não existiria a possibilidade de um país como o Catar ser escolhido como sede de um evento FIFA. O país enfrenta uma de suas piores crises políticas, sendo acusado de apoio a grupos terroristas e sofrendo com o corte de relações diplomáticas de outros países do Golfo. A Copa de 2022 chega como uma oportunidade para o Catar reverter essa situação e maximizar seu potencial diplomático por meio do esporte.

PARTE IV

Os negócios internacionais do futebol e a Copa do Mundo do Catar

O processo de internacionalização do esporte garantiu a outros atores a conquista de um maior espaço e importância, colocando-o no mesmo patamar dos espectadores e dos próprios atletas, além das organizações esportivas e líderes de Estado (SUPPO, 2012). A partir dos anos 1970, a cultura da mídia toma conta do universo desportivo. O esporte passa a ser considerado um componente político, econômico e cultural da sociedade (KELLNER, 2006), ocupando um lugar privilegiado junto à televisão, moda, cinema e música, sendo tratado também como uma mercadoria:

Os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, *World Series*, *Super Bowl*, a Copa do Mundo e os campeonatos de basquete da NBA, atraindo audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. Esses rituais culturais celebram os valores mais profundos da sociedade capitalista (por exemplo, a competição, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir vultosas verbas para que seus produtos se associem a tais eventos. Realmente, parece que a lógica da mercadoria do espetáculo está tão inexoravelmente entranhada nos esportes profissionais que estes não podem mais existir sem o acompanhamento de torcidas animadas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e espectadores, sorteios, promoções e competições envolvendo os produtos de diversos patrocinadores (KELLNER, 2006)

Apesar de seu intrínseco caráter político, o futebol, veículo de *soft power* e ferramenta diplomática, tem seu caráter global constatado por meio de suas finanças. O universo do futebol contemporâneo é completamente econômico e mercadológico, envolvendo suas competições, ligas, instituições, clubes, seleções nacionais, e é claro, os jogadores. O *boom* financeiro do futebol veio após as finais da Copa do Mundo de 1990 na Itália (GIULIANOTTI, 2005), através da receita de acordos televisivos, patrocinadores, venda de ingressos e uma grande circulação internacional de atletas profissionais. Muitos críticos apontam que o futebol passou por um processo de comoditização. Os atletas, por possuírem “donos” que restringem sua mobilidade de jogar ou trabalhar, nessa perspectiva, são considerados *commodities* de talento e potencial, que podem ser trocadas entre clubes por meio das transferências (ARCHER, 2015).

Estes jogadores possuem um denominador em comum - seus salários - cada um variando de acordo com a avaliação de suas performances, sendo muito habitual a utilização dos termos, “jogador valorizado” ou “desvalorizado”, no mercado. Uma questão importante de ressaltar sobre a discussão dos jogadores como *commodities*, é a posição ocupada por jogadores de nível médio e jovens das categorias de base, que sonham em jogar em grandes ligas, mas em sua maioria passam por dificuldades financeiras e são explorados por clubes e agentes de futebol. Esses jogadores, ao contrário dos já estabelecidos, possuem valores, que além de baixos, são temporários, sendo tratados simplesmente como *commodities* desvalorizadas circulando no mercado internacional de jogadores. A comoditização é a comercialização de jogadores e até mesmo de clubes em si, que abandonam suas origens e são transformados em marcas de consumo. Esse processo traça a transformação de identidades culturais, políticas e futebolísticas locais, em marcas comercializadas e consumidas globalmente. O Brasil é um dos principais países que se encaixam nesse quadro, com sua “marca” de jogadores talentosos consolidada pelo alto volume de exportação dos mesmos nas últimas décadas (ARCHER, 2015).

Essa mistura de esporte, Estados, negócios e circulação de dinheiro, cobre por completo o cenário futebolístico atual. O futebol do século XXI é tomado por negociações de direitos, acordos de patrocínios e estratégias de produção de receita, partindo da ideologia econômica neoclássica de livre mercado (CHADWICK, 2021). Com os padrões de economia e política global em constante mudança, países emergentes, como a China e alguns países do Golfo, por exemplo, têm se tornado membros importantes do universo esportivo moderno, mesmo sem a intervenção direta de seus respectivos governos no

campo do esporte. Essas circunstâncias colocam em pauta uma nova perspectiva pensada para o universo esportivo, conhecida como a economia geopolítica do esporte (CHADWICK, 2021). O conceito parte da ideia de que os vínculos políticos e econômicos são prevaletidos na esfera comercial e nas relações entre países em relação a qualquer outro fator em jogo. O escopo da economia geopolítica do esporte engloba desde as decisões de realização de eventos e propriedade de ativos esportivos, até o uso do esporte como ferramenta de *soft power*. Um conceito como este, corrobora para a compreensão das tendências globais do esporte e do fluxo transnacional de recursos. A partir disso, é possível constatar o início de uma nova era esportiva, moldada por interesses econômicos e geopolíticos que crescem exponencialmente (CHADWICK, 2021).

Em meio a esse cenário, muitos países buscam utilizar suas finanças advindas do meio esportivo como prática de “*sportswashing*”, que apesar de ser considerado um conceito relativamente novo, já é empregado por governos de todo o mundo, de diferentes maneiras, há no mínimo um século (SCHAD, 2022). A descrição da prática, de acordo com a Organização Não Governamental (ONG) britânica - *Grant Liberty* – utilizada em um relatório sobre o *sportswashing* do governo saudita, indica que o conceito se associa com a utilização do esporte a fim alinhar um governo e realçar sua imagem com a ajuda do *background* positivo que os esportes carregam (GRANT LIBERTY, 2021). Isto é, aproveitar os ideais que o esporte produz, junto ao fator econômico procedente de uma indústria multibilionária, para “limpar” todo o contexto negativo produzido pelo Estado ao empregar o esporte como justificativa pública para a concretização de práticas imorais, negociações antiéticas e violação dos Direitos Humanos.

As práticas de *sportswashing* partem englobam desde a escolha de sedes de grandes eventos esportivos até acordos de patrocínios e negociações de clubes e jogadores. Podem ser considerados casos de *sportswashing*, o patrocínio da estatal *Qatar Airways* ao FC Barcelona e Paris Saint-Germain (PSG), ou até mesmo a recente compra do tradicional time britânico, Newcastle United, por uma oferta do Fundo de Investimento Público da Arábia Saudita. No último caso, era perceptível que a negociação não se tratava de um simples aproveitamento de uma boa oportunidade econômica, considerando que o país já procurava havia iniciado a implementação de sua política esportiva por meio da aquisição de clubes (CHADWICK, 2021). No início, a negociação de compra do clube chegou a ser rejeitada pela Premier League, após um julgamento da Organização Mundial do Comércio (OMC), que acusou o governo saudita de ter pirateado um serviço de transmissão com conteúdo pertencente ao *BeIN Sports* do Catar. Este foi o resultado

direto de uma disputa regional custosa que está em andamento desde 2017 e levou ao encerramento das relações diplomáticas entre os dois países. A aquisição do Newcastle United, por cerca de US\$ 415 milhões, foi uma resposta ao Catar, que já havia desembolsado quase US\$ 300 milhões na transferência do jogador brasileiro, Neymar Júnior, por meio da propriedade do PSG, que foi realizada como plano demonstrativo de força econômica a seus vizinhos próximos, incluindo, é claro, a Arábia Saudita (CHADWICK, 2021).

O Catar, território de grandes reservas de petróleo e gás natural, e governado pela Família Real Al Thani, vem se tornando um grande competidor econômico mundial em curto prazo. A Copa do Mundo de 2022 chega justamente como uma oportunidade para a expansão de influência geopolítica global do país. O futebol, esporte mais popular do país, ocupa um espaço privilegiado na sociedade catari. Ser o primeiro país árabe a sediar uma Copa do Mundo, além de demandar um planejamento a longo prazo extremamente elaborado, também carrega um enorme peso internacional, principalmente quando comparado a suas nações vizinhas. O país colocou a realização da Copa do Mundo no topo de sua lista de objetivos diplomáticos e políticos, alocando tempo, recursos, mão de obra e investimentos bilionários (BOSNJAK, 2022).

O governo do Catar iniciou sua trajetória em busca de sediar a Copa do Mundo no início dos anos 2000, com uma candidatura em 2006 para receber a Copa da Ásia de 2011 e outra em 2008 para os Jogos Árabes de 2011, ambas garantidas. Alguns anos depois, foram concedidos ao país os direitos de sediar a Copa do Mundo de Handebol de 2015, o Campeonato Mundial de Boxe Amador de 2015, e o Campeonato Mundial de Atletismo de 2019. Eventos de menor porte como estes são importantes para construir a narrativa de que o Catar é capaz de organizar e sediar eventos esportivos importantes, e condicionar os organismos esportivos internacionais a acreditar que o país é uma opção viável. Além disso, os torneios proporcionam à população local a compreensão de como se organizar em meio a centenas de atletas e milhares de fãs de diferentes nações e culturas.

É importante ressaltar que o caminho até a Copa do Catar não foi totalmente honesto e digno. A partir de diversas acusações de *lobbying* para apoio ao país como sede da Copa de 2022, e campanhas de marketing milionárias junto a grandes personalidades do mundo do futebol - como Zinedine Zidane, Pep Guardiola e Sir Alex Ferguson - o governo catari dava início a sua sinuosa trajetória até o maior evento esportivo do mundo. Em uma tentativa clara de conquistar apoio de países da Europa - centro do futebol

mundial - o governo do Catar prometeu ao então presidente da Alemanha, Christian Wulff, preferência aos licitantes alemães ao conceder contratos de infraestrutura para a Copa do Mundo a fim de garantir o voto alemão no processo de eleição do país sede do megaevento FIFA. Como estratégia para aplicar o mesmo plano à França, o Catar anunciou que começaria a testar caças de fabricação francesa com o objetivo de comprá-los como parte de sua atualização da força aérea (BOSNJAK, 2022). Além disso, a Al-Jazeera, emissora de televisão financiada pelo Estado catariano, comprou os direitos de transmissão das principais competições europeias de futebol. Já em reta final, o país anunciou que após o encerramento da Copa do Mundo de 2022, irá dismantelar seus estádios para doar partes destes a nações em desenvolvimento, como uma ação de incentivo aos países emergentes.

Com todo o esforço e investimento de seu governo, o Catar foi escolhido como sede da Copa do Mundo de 2022 em setembro de 2010. A Copa do Catar, contando com o investimento de mais de US\$ 200 bilhões, já entra para a história como o evento esportivo mais caro de todos os tempos. Apesar de muito questionável, o empenho diplomático do país não pode passar despercebido. Mesmo que o *sportswashing* seja um dos objetivos centrais do país ao sediar o megaevento, o Estado empregou todo seu *soft power* e influência geopolítica para alcançar o objetivo almejado.

Apesar do processo de escolha do mundial de 2022 ter sido claramente corrupto e imoral, a escolha do Catar como palco do megaevento FIFA passa também pela questão de segurança nacional do país (CHADWICK, 2022). A posição geográfica do país pode ajudar a explicar esse contexto. Ao norte estão algumas potências regionais, como a Turquia, assim como vizinhos mais instáveis como o Iraque. Ao sul está o Iêmen, atualmente tomado pela guerra. Ao leste está o Irã xiita. Ao oeste do país está seu principal adversário, o sunita reino saudita. Após o processo de independência do protetorado britânico, a estratégia de proteção internacional do Catar se baseou na busca por legitimidade internacional, se colocando na posição de um confiável e importante aliado de grandes potências. Em troca de proporcionar proteção militar, os britânicos - assim como os norte-americanos e franceses - foram fundamentais para a expansão da indústria catari de petróleo e gás, e consequentemente, para exercer considerável influência política sobre seu governo.

A candidatura do Catar para sediar a Copa do Mundo foi uma jogada inteiramente a favor do desenvolvimento de uma nova forma do país de se envolver com o mundo, construindo relações e criando interdependências com outros países, tornando-se, assim,

um membro legítimo da comunidade internacional (CHADWICK, 2022). O Catar, no entanto, ficará com um legado de infraestrutura de alta qualidade que formará a base da vida cotidiana em Doha e na nova cidade de Lusail, construída exclusivamente para a Copa do Mundo. O país ainda pretende atrair 6 milhões de novos visitantes após o mundial, considerando que será sede do campeonato de futebol asiático masculino de 2023 e dos Jogos Asiáticos em 2030. O governo catari também já expressou seu interesse na candidatura para organizar os Jogos Olímpicos de 2036. Com base nisso, é evidente a ambição do país de cimentar sua posição como um importante destino de megaeventos esportivos. Esse plano não se trata apenas de segurança e legitimidade, mas também de questões como emprego, renda de exportação, produção nacional e política internacional (CHADWICK, 2022). Em breve, será possível constatar se este projeto foi executado de maneira eficaz e por inteiro.

PARTE V

Conclusão

Como notado previamente nos capítulos deste trabalho, o universo da agenda internacional se relaciona diretamente com o meio desportivo, que serviu de móvel e mote de propagação política, demonstrando como o esporte funciona de instrumento e cenário de sua divulgação institucional dos países, de formação de imagem externa, de pacificação e conagração mundial (VASCONCELLOS, 2008). Com a análise do objeto de foco do presente trabalho, tornou-se evidente que o futebol foi e continua sendo moldado e utilizado para diferentes finalidades pelas forças de poder político e econômico (GOLDBLATT, 2019).

Como forma de encerramento deste trabalho, vale citar a entrevista online realizada com a Dra. Heather Dichter, autora da obra *Soccer Diplomacy* e professora da Universidade de De Montfort, que ao ser perguntada sobre o papel do esporte na era moderna das Relações Internacionais, defende que este é de extrema importância e pode ser utilizado por diferentes atores em capacidades distintas (DICHTER, 2022. Informação verbal). A historiadora norte-americana traz a ideia de que um dos elementos mais reveladores da importância da utilização do esporte como ferramenta de política internacional é justamente quando um país acaba de concluir um processo de independência, citando como exemplo, o caso do Sudão do Sul, que logo após de ter se

tornado um Estado independente em 2011, organizou uma partida de futebol, na tentativa de se juntar à FIFA e demonstrar seu pertencimento à comunidade internacional. Nesse sentido, Dichter (2022) traz à tona o quão importante é para um "país do futebol", como o Brasil, procurar o compromisso diplomático através de seu principal esporte:

O que temos visto nos últimos quinze ou vinte anos é a ascensão dos BRICS, sendo o Brasil a primeira letra dessa sigla. Agora que a maioria dos países procura sediar megaeventos - sejam eles os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo da FIFA ou os Jogos da Commonwealth - garantir a três destes países a possibilidade de sediar três Copas do Mundo consecutivas (África do Sul, Brasil, Rússia) significa muito. Para o Brasil, que sediou a Copa e depois os Jogos Olímpicos, dois anos depois, é uma forma absoluta de dizer: "Olhem para nós como um país, somos uma potência global, vejam o quanto alcançamos e fomos capazes de fazer" [...] (DICHTER, 2022. Informação verbal)

Por fim, Dichter aponta os fatores inéditos que estarão em jogo na Copa do Mundo de 2022 no Catar e que merecem atenção especial. Na opinião da autora, a experiência dos fãs é um ponto que deve ser muito bem observado. Por se tratar de um país com fortes restrições às mulheres e suas vestimentas, à comunidade LGBTQIA+ e até ao consumo de bebidas alcoólicas, o evento carrega uma alta probabilidade de possíveis protestos que podem partir desde as torcidas até dos próprios atletas e equipes. Uma outra questão que deve ser considerada é a gestão dos estádios e demais espaços após o encerramento da competição, sendo que foram construídos para uso exclusivo durante o período do torneio, existindo a chance de se tornarem “elefantes brancos” caso não sejam administrados da maneira correta. A relação com os países vizinhos do Catar também é um ponto que chama a atenção, sendo a primeira vez em que estes países estão em uma mesma competição, o comportamento de seus respectivos governos deve ser levado em conta, conclui a autora.

A entrevista realizada reforça a tese central do trabalho de que a esfera cultural do esporte em geral, e do futebol, em particular, desempenha um papel de suma importância e influência nas Relações Internacionais. A diplomatização surgiu como mais uma via para o estudo do esporte, especialmente no que diz respeito às relações internacionais, diplomacia pública e cultural, e *soft power* (BECK, 2020). O futebol globalizado pode

ser interpretado como um catalisador para a constante aproximação entre o universo do esporte e da diplomacia, tanto no campo teórico quanto prático, sendo capaz de criar não apenas instrumentos politicamente utilizáveis, mas como também recursos diplomáticos únicos. No presente trabalho, por meio da análise de três facetas distintas incorporadas pelo futebol, torna-se evidente o potencial imensurável que este carrega - junto a seus clubes, equipes nacionais, atletas, instituições e competições - carrega como ferramenta de política internacional.

O trabalho de conclusão de curso foi produzido a fim de colaborar com a futura expansão do conhecimento entre os campos de estudo do esporte e das Relações Internacionais, a partir da análise do mais célebre e difundido esporte global como ferramenta de *soft power*, de diplomacia, e de negócios internacionais. A Copa do Catar - expressão mais atual do futebol globalizado - é o caso ideal que engloba as três principais áreas de análise do esporte discutidas neste trabalho. O *soft power* do país árabe, a diplomacia do futebol exercida pelo seu governo e pela FIFA, e os negócios internacionais bilionários que estão em jogo, protagonizam um imenso campo de expressão política e econômica em meio ao Sistema Internacional.

A competição será, sem dúvidas, um marco na relação entre o internacionalismo e o esporte. Para muitos, o vínculo entre as duas esferas é claro, mas ainda assim, para outros, continua turvo. Com isso em mente, que este projeto de pesquisa proporcione a chance de dar continuidade ao desenvolvimento dos estudos que relacionam ambos os universos teóricos, e possa contribuir para que o esporte ocupe seu lugar merecedor de mais alto escalão nas Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, L. *The Global Politics of Sport. The Role of Global Institutions in Sport*. Londres: Routledge, 2005

ALLISON, L; MONNINGTON, T. *Sport, Prestige and International Relations: Government and Opposition*. Londres: Routledge, 2002.

ARCHER, S. B. "Commodification and Juridification in Football: Reflections on the Study of Law and Society" (2015). Osgoode Legal Studies Research Paper Series. Disponível em: <<https://digitalcommons.osgoode.yorku.ca/olsrps/133>> Acesso em 20 out. 2022.

BECK, Peter. *Conclusion: "Good kicking" is not only "good politics", but also "good diplomacy"*. In: DICHTER, Heather (ed.). *Soccer diplomacy: international relations and football since 1914*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2020.

BUBALO, Anthony. *Football Diplomacy Redux: The 2015 Asian Cup and Australia's Engagement with Asia*. Lowy Institute for International Policy. mar. 2013. Disponível em: <http://lowyinstitute.org/files/bubalo_football_diplomacy_redux_web.pdf> Acesso em: 20 out. 2022

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. *A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da Fifa*. São Paulo: Intermeios, 2020

CHADWICK, Simon. *The geopolitical Economy of Sport: A new era in play*. Policy Forum, 2021. Disponível em: <<https://www.policyforum.net/the-geopolitical-economy-of-sport/>> Acesso em: 26 out. 2022

CHADWICK, Simon. *Size matters: Why tiny Qatar decided it needed to host the World Cup*. City A.M., 2022. Disponível em: <<https://www.cityam.com/size-matters-why-tiny-qatar-decided-it-needed-to-host-the-world-cup/>> Acesso em: 16 nov. 2022

BOSNJAK, Stjepan. *Football Diplomacy: How Qatar won the 2022 FIFA World Cup hosting rights*. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/22076332/Football_Diplomacy_How_Qatar_won_the_2022_FIFA_World_Cup_hosting_rights?email_work_card=reading-history> Acesso em: 26 out. 2022.

CHAPPELETE, Jean-Loup. BAYLE, Emmanuel. *Strategic and Performance Management of Olympic Sport Organisations*. Champaign: Human Kinetics, 2005.

CHARI, Tendai. *Discursive constructions of the Germany–Brazil semifinal match during the FIFA 2014 World Cup: The limits of football as a soft power resource*. (2015). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/02500167.2015.1107116>> Acesso em: 20 de set. 2022.

CHEHABI, H.E. *Sport Diplomacy Between the United States and Iran. Diplomacy & Statecraft*, v.12, n.1. 2001.

DICHTER, Heather. *Soccer Diplomacy: international relations and football since 1914*. Lexington: University Press of Kentucky, 2020

DICHTER, H. L. Heather L. Dichter. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador: Otávio Zanetti Martins. São Paulo: PUC-SP, 2022. 1 arquivo .mp3 (14 min). Entrevista concedida para a pesquisa “O esporte como instrumento de política internacional nas Relações Internacionais: o futebol globalizado”

EDEN, Jon Theis. *Can Soccer Improve International Relations? Major Research Paper: Soccer and International Relations*. 23 jul. 2013. Disponível em: <<https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/26069/1/EDEN%2C%20Jon%20Theis%2020135.pdf>> Acesso em: 3 out. 2022

GIULIANOTTI, Richard. *Playing an Aerial Game: The New Political Economy of Soccer*. In: NAURIGHT, John. SCHIMMEL, Kimberly S. *The Political Economy of Sport*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

GOLDBLATT, D. *The Age of Football: Soccer and the 21st Century*. Londres: Macmillan, 2019.

GOLDBERG, Jeremy. *Sporting Diplomacy: Boosting the Size of the Diplomatic Corps*. *The Washington Quarterly*, v.23, n.4. 2000

GRANT LIBERTY. \$1.5Bn Saudi Arabia 's Sports-Washing Programme. 29 mar. 2021. Londres. Disponível em: <<https://grantliberty.org/wp-content/uploads/sports-washing-report-1.pdf>> Acesso em: 20 out. 2022.

HOULIHAN, Barrie. *Sport and International Politics*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

HOUGH, Peter. "'Make Goals Not War': The Contribution of International Football to World Peace." *International Journal of the History of Sport*.

JURICIC, Tamara. *Football – Building Friendly Relations Between Nations?* Tamara's Football Mosaic. 24 nov. 2013. Disponível em: <<https://tamarasfootballmosaic.wordpress.com/tag/football-diplomacy/>> Acesso em: 20 set. 2022.

KOBIERECKI, Michał Marcin. *Sport In International Relations Expectations, Possibilities And Effects*. *International Studies Interdisciplinary Political And Cultural Journal*, Vol. 15, No. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.eusportdiplomacy.info/files/2-04-kobierecki.pdf>> Acesso em: 20 set. 2022

MILZA, Pierre. *Sport et relations internationales*. *Relations Internationales*, n. 38. 1984.

MURRAY, Stuart. *Sports-Diplomacy: A Hybrid of Two Halves*. *Institute for Cultural Diplomacy*. 18 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2011-symposium/Sports-Diplomacy-a-hybrid-of-two-halves--Dr-Stuart-Murray.pdf>> Acesso em: 20 set. 2022

NYE, Joseph S. *Soft power: the means to success in world politics*. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

NYE, Joseph S. *O futuro do poder*. São Paulo: Benvirá, 2012.

PIZARRO, J. O. FIFA e o *soft power* do futebol nas relações internacionais. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 10, jul/dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/14337/9603>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

REAL, M. *Reflecting on communications and sport: On spectacle and mega sports events*. *Communication and Sport* 1(1&2). 2013.

SAGE, George Harvey. *Globalizing Sport: How Organizations, Corporations, Media, and Politics Are Changing Sports*. Boulder: Paradigm, 2010.

SCHAD, Tom. *LIV Golf shines spotlight on 'sportswashing' – the nascent term for an age-old strategy*. USA Today, Tysons Corner, 10 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/sports/golf/2022/06/10/sportswashing-explained-saudis-liv-golf/10003676002/>> Acesso em: 20 out. 2022.

SCHENK, Sylvia. *Safe Hands Building Integrity and Transparency at FIFA*. 16 Aug. 2011. Transparency International.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cint/a/gh73bx3PJw7QjD7QGvv5QZB/?lang=pt>> Acesso em: 15 mar. 2022.

STEWART, Alex. *Football and soft power*. Medium.com. 30, jan. 2014. Disponível em: <<https://medium.com/@afhstewart/football-and-soft-power-64c76e4b34>> Acesso em: 20 set. 2022

TAYLOR, Trevor. *Sport and international relations. A case of mutual neglect. In: ALLISON, L. (Ed.). The politics of sport.* Manchester: Manchester University Press, 1986.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. *Esporte, poder e relações internacionais.* Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

APÊNDICE

Transcrição da entrevista

Entrevistada: Dra. Heather Dichter

Entrevistador: Otávio Zanetti Martins

Data: 26/10/2022

Otávio: Para darmos início, eu gostaria de saber qual é o papel dos esportes e do futebol, em particular, na era moderna e globalizada das relações internacionais de hoje? Onde você classifica os eventos, as instituições e os jogadores neste contexto? Todos eles podem ser considerados atores internacionais?

Heather: Eu creio que definitivamente o futebol desempenha um papel dentro das Relações Internacionais e da diplomacia, e com uma variedade de indivíduos diferentes envolvidos de maneiras distintas. Portanto, obviamente, as próprias federações internacionais, FIFA, CONCACAF, e demais associações internacionais de futebol ao redor do mundo, desempenham um papel enquanto negociam torneios, participações, de amistosos etc. Portanto, tudo isso desempenha um papel dentro da diplomacia e das RI. E os governos utilizam diversos esportes, mas o futebol - obviamente como o maior e mais popular jogo do mundo - funciona como uma forma de demonstrar e de pensar um relacionamento em uma variedade de capacidades. Acho que um dos elementos mais reveladores é quando um país se torna independente. E isso aconteceu, acho que mais recentemente, há cerca de uma década, quando o Sudão do Sul se tornou independente, querendo imediatamente organizar uma partida de futebol, e se juntar à FIFA para

demonstrar que eles pertencem à comunidade internacional. Muito antes de se juntar às delegações, um país precisa ser membro de 5 federações internacionais, antes que o COI também o aprove. A FIFA é geralmente a primeira que eles tentam entrar. Ela desempenha esse papel de mostrar essa visibilidade para o cenário internacional e os governos para usar o esporte como apoio à realização de um torneio, para enviar seus líderes políticos para a Copa do Mundo ou não, como vimos em 2018 a decisão da Grã-Bretanha e de outros países não enviar seus líderes políticos. Foi um boicote político à Copa do Mundo de 2018 na Rússia e baseado em algumas das ações muito recentes da Rússia naquele momento. Portanto, o futebol é absolutamente utilizado por uma variedade de indivíduos. E acho que alguns jogadores internacionais se veem mais como representantes. Essa escolha de jogar por outro país, uma bandeira sobre outra, é reveladora e nós não falamos muito sobre isso. Não reconhecemos e entendemos que eles estão jogando como embaixadores de seus países em diversas capacidades. Ainda não vemos isso acontecer com tanta frequência, mas vemos alguns atletas levando esse papel um pouco mais a sério do que outros. Portanto, com certeza, o esporte desempenha um papel importante nas Relações Internacionais.

Otávio: Quão importante é para um "país do futebol" como o Brasil procurar o compromisso diplomático através do seu esporte principal? Para realmente maximizar o seu potencial e alcançar os interesses nacionais, e desenvolver uma melhor reputação internacional?

Heather: É com certeza muito importante. O que temos visto nos últimos quinze ou vinte anos é a ascensão dos BRICS, sendo o Brasil a primeira letra dessa sigla. Agora que a maioria dos países procura sediar megaeventos - sejam eles os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo da FIFA ou os Jogos da Commonwealth - garantir a três destes países a possibilidade de sediar três Copas do Mundo consecutivas (África do Sul, Brasil, Rússia) significa muito. Para o Brasil, que sediou a Copa e depois os Jogos Olímpicos, dois anos depois, é uma forma absoluta de dizer: "Olhem para nós como um país, somos uma potência global, vejam o quanto alcançamos e fomos capazes de fazer". E obviamente tiveram todas as questões que surgiram politicamente, esse é outro tema, mas o fato de terem sido premiados com estes dois eventos e se mostrarem no palco mundial é muito importante. Não só foram capazes disso, como o Brasil foi o primeiro país sul-americano a receber os Jogos Olímpicos, o que é um feito histórico, serão sempre recordados como

tal. Sediar a Copa do Mundo, embora não tenham conseguido a vitória, foi um evento de enorme importância para o país.

Otávio: Agora queria saber de você, de uma especialista, quais são suas expectativas para a Copa do Mundo deste ano em termos de diplomacia do futebol? Você vai assistir aos jogos da Copa ou vai até o Catar? O que você acha que será totalmente novo - atores, os poderes envolvidos, a gestão da FIFA - qualquer coisa em particular que você acredita que será muito diferente do que estamos acostumados a ver em edições passadas do evento?

Heather: Bom, eu sou historiadora, então eu gosto de olhar para o passado em vez de prever o futuro. Eu não vou para o Catar, mas vou assistir a alguns dos jogos. Nunca fui uma pessoa de assistir a todos os jogos da Copa do Mundo, então vou assistir aos jogos que normalmente me interessam. Acho que há algumas coisas para ficar de olho, acho que será muito interessante ouvir as histórias sobre a experiência dos torcedores. No geral, foi na Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, que a *Fan-Zone* se tornou uma coisa. Ninguém esperava essa popularidade, houve algumas estratégias semelhantes que foram tentadas nos anos anteriores, mas nunca funcionaram realmente, e de repente elas decolaram. Eu fui voluntária em uma das cidades anfitriãs, então tive uma grande experiência nesse sentido. Era uma atmosfera inacreditável. A partir do sucesso de 2006, tanto a FIFA quanto a UEFA consolidaram as *Fan-Zones*, então agora não são apenas os locais, mas é necessário a presença destes espaços também. E foi extremamente divertido, estar na Alemanha, em julho, com um bom assistindo ao jogo e bebendo. Agora estamos no deserto e beber não é permitido, então tem essa questão. Há também as restrições às mulheres e suas vestimentas, assim como à comunidade LGBTQIA+. Acho que a experiência dos fãs será algo a se prestar atenção se houver problemas significativos. O número de pessoas que iriam aos países e cidades-sede da Copa do Mundo sem ter ingressos é gigante. Eu simplesmente não vejo isso acontecendo este ano e por isso acho que será realmente interessante ver esse tipo de cobertura e ver como isso poderá impactar as decisões futuras da FIFA. Não acho que vamos ver um impacto de imediato, mas qual é esse legado a longo prazo? Acho que o que vai acontecer com esses locais depois é importante também. Será que realmente vamos ver "elefantes brancos" da mesma forma que temos visto nas duas últimas Copas do Mundo. Todos nós ouvimos falar dos estádios no Brasil que realmente não estão sendo úteis para nada. E vocês sabem, a liga doméstica da Rússia, antes de qualquer tipo de sanções ao país, não chega nem perto de encher seus

estádios que seu governo construiu de qualquer maneira. Eu me pergunto o que vai acontecer depois com estes locais e se eles vão fazer o que dizem ter sido originalmente construídos para. Acho que essas são as histórias a prestar atenção e qual será o impacto que este torneio terá nos esforços da FIFA no lado diplomático. Alguém vai protestar? Serão torcedores ou atletas? Acho que isso é definitivamente algo a ser observado e ao qual devemos prestar atenção. Existem tensões na região do Golfo diferentes das que estavam presentes em torneios anteriores realizados na região. Acho que há muito a se prestar atenção e vamos ver o que acontece.

Otávio: Acho que não podemos prever o futuro, como você disse, mas podemos ter uma ideia do que provavelmente vai acontecer. No Brasil, tivemos os protestos de 2013, e as eleições nacionais ao mesmo tempo, tinha muita coisa acontecendo, assim como na Rússia em 2018. Nesse ano acredito que a situação é bem pior em comparação com as últimas duas edições da Copa. O Catar vive uma crise mundial neste momento, tanto política como econômica. Eles estão sozinhos. Eu não sei exatamente o que levou a FIFA a escolher o Catar como país sede, mas tenho certeza de que há muito dinheiro envolvido nisso. Muito *soft power* e demais questões estão presentes nessa situação. Mas, acredito que teremos que esperar para ver os próximos capítulos.

Heather: Com certeza. Penso que uma das coisas que muitas pessoas não percebem necessariamente é que Sepp Blatter, enquanto era presidente, através de vários programas da FIFA, foi capaz de fornecer fundos para terrenos e estádios, e basicamente distribuiu esse dinheiro para todos os países ao redor do mundo como uma forma de garantia que estes se comprometessem e fossem leal a seu mandato. É por isso que, depois de toda essa pressão, ele foi imediatamente reeleito, e todos ficaram: "o quê? como vocês podem reelegê-lo?". Então, existe esse tipo de diplomacia pessoal entre a FIFA e seu presidente, líderes e quaisquer outros indivíduos.